



**CARISMA FUNDACIONAL  
E COMUNIDAD FRATERNAS E A ACOLHEDORAS**

pe. Pablo Cestonaro

Ao iniciar este esse trabalho sobre "**Carisma fundacional e comunidades fraternas e acolhedoras**", o primeiro que me veio à mente foi buscar no documento de anos,

"**Vida fraterna em comunidade**". Ali me disse, vou encontrar uma base sólida. Depois olhei o índice de nossa "**Regra**" e vi a palavra "**fraternidade**". Muito bem, aqui vou me sentir em casa, em comunidade. Na verdade li:

*"Como dom do Espírito, a comunidade nasce e sustenta-se viva pela resposta fiel de cada irmão ao chamado de Deus ao amor. Cada irmão colaborará na construção da comunidade dando sua contribuição de amor, de ação, de conselho sem nenhuma pretensão egoísta. Desse modo a comunidade josefina será uma família onde vive-se a aceitação recíproca, onde a partilha das experiências aumenta a **fraternidade** e onde promove-se o crescimento pessoal."* (Const. 32)

Estupendo, aqui está tudo dito, aqui entram todos os elementos: dom do Espírito, resposta de amor, ser família, ao partilhar aumenta a fraternidade...

**1.- Primeiro passo: comunidades fraternas.**

"Faze isso e viverás"! Disse-me com certo sorriso. E o sorriso vinha da sensação de que o ideal proposto é difícil de alcançar. A vida vai por outro caminho, parece que se tornou mais difícil, que vão entrando outros fatores mais complexos. Mas, precisamente por causa dessas dificuldades atrevo-me a reler esse ideal, que segue ali, sinceramente provocador, que impede reclinar-nos sobre "meus" valores porque correria o risco que fossem somente "meus", expressão subjetiva de exigências particulares, de necessidades pessoais. Olhemos o que acontece, às vezes, em nossas comunidades. Falamos muito de amor, de comunhão, de autenticidade..., porém facilmente cada um de nós interpreta essas coisas a "sua" maneira, totalmente subjetiva.

Voltemos ao ideal.

Apesar de tudo há muitos fatores que o cercam, são nossas riquezas. É por exemplo uma concepção de Vida Religiosa que vem de toda a tradição do nosso carisma. Lembrou-nos recentemente, o nosso Pe. Geral e os responsáveis da FdM na carta de 18 de maio:

*"Um pensamento, um só coração... unidade de ação e de amizade, não só harmonia. Afeto de caridade, não basta; de amizade e de harmonia na ação..."*.

E continuam:

*"Na consciência da "comunhão" vivida como graça e compromisso brotam as boas práticas cotidianas da capacidade de colaborar, do compromisso de comunicar, da consciência de ser corresponsável"*.

Algumas vezes seria bom retomar uma foto dos anos 50-60 e aproximá-la do presente. Veríamos certamente que éramos muitos, fortes, "poderosos", jovens, porém, talvez não

existissem essas coisas, não havia um conceito de espiritualidade entendida como o vivido cotidiano da fé, não havia esse conceito de fraternidade, que era predominantemente disciplinar, como a que temos adquirido hoje, embora com todo o trabalho, porque a fraternidade evangélica é difícil.

Como é reconfortante entrar nessa comunidade “fraterna”, onde se sente o calor da família, vive-se a diversidade como um dom, valoriza-se o outro, há colaboração, partilham-se ideais, as atividades e vive-se o perdão! Sim, o perdão, como um valor primordial da fraternidade. É sentar-nos à mesa da Eucaristia e do pão. A Eucaristia que consiste na passagem da desunião, da fragmentação e o egoísmo individualista, à igualdade, à fraternidade e comunhão.

O caminho não é fácil, no caminho nos encontramos com certo secularismo, a tentação de aburguesamento e o individualismo que é como um efeito colateral, por certos aspectos compreensíveis, do passo da comunidade disciplinar à comunidade fraterna.

Tudo isso será possível se de verdade deixamos atuar o Espírito. Qualquer carisma é dom de Deus para a edificação da comunidade e para o bem de todos e lembrá-lo resulta cura. A fraternidade é um dom do Espírito e só será possível se nos deixamos conduzir pelo Espírito. Portanto, é necessário que todos, *“abraçados à verdade em tudo, crescamos na caridade, alcançando Aquele que é nossa cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, coordenado e unido por todos os ligamentos que o une e nutre para o bom funcionamento de cada membro, cresce e se aperfeiçoa na caridade”*. (Ef 4,15-16).

Em nossos livros de oração encontramos pedidos como estes:

*“Senhor,  
que nossa comunidade seja para cada um de nós,  
o primeiro campo de ação apostólica,  
e seja uma família onde se viva a acolhida recíproca,  
e é promovido o crescimento pessoal.  
E, unida **fraternalmente** em teu nome,  
manifeste aos homens tua presença”*.

## 2.- Aqui damos um segundo passo: **da fraternidade para a acolhida.**

O discurso amplia-se a partir de dentro, desde a comunidade para fora. Quanta necessidade tem o nosso tempo, nosso povo de sentir-se acolhido, sentir-se família conosco, poder partilhar! E, aqui, o que nos une é a **missão**. Um dos fenômenos mais chamativos dentro da vida religiosa do nosso tempo é a tomada de consciência do “carisma compartilhado”. Foi descoberto com uma intensidade especial como os carismas que dão perfil aos vários institutos religiosos não são apenas “carismas” para a vida religiosa e para ser vividos e explicados nela, senão, também carismas para serem compartilhados com outras formas de vida cristã. Com a implantação desse potencial carismático, frequentemente cultivado em um pequeno grupo de vida religiosa, percebe-se que se transmite aos leigos e estes sentem o Fundador como algo seu. E assim, surgem as que ultimamente temos chamado de “famílias carismáticas”.

Fala-se muito nestes anos de “família carismática.” A renúncia ao monopólio exige generosidade, esperança, até que se construa a “**casa comum**” do carisma e, juntamente com a casa comum, criar uma “**linguagem viva para todos**” que permita o mútuo entendimento nas mesmas teclas; estabelecer estruturas comuns em que todos se sintam em “**casa**”; criar espaços de convivência, espiritualidade e formação que permitam partilhar e fazer crescer verdadeiramente a herança carismática.

Naturalmente este camino tem seus “**desafios**”.

Em primeiro lugar, a necessidade de **delegar**. A experiência mostra que este ponto geralmente é conflitivo, pois muitas vezes o leigo acaba sendo mais um "executor" de ordens que um sujeito com capacidade de decisão. E, por outro lado, também ao leigo se purifica o desejo desordenado de querer estar em lugares inacessíveis, com uma reivindicação vergonhosa de controle e poder. Mas o Evangelho vai a outras direções: *"acolham-se uns aos outros como Cristo os acolheu para a glória de Deus"*. (Rom 15, 7). *"Para construir solidamente a casa comum é necessário, também, que seja deposto qualquer espírito de antagonismo e de discórdia e que se aposte melhor na estima mútua, em avançar no recíproco afeto e na vontade de colaborar, com a paciência, a clara evidência e a disponibilidade ao sacrifício que às vezes isso pode acarretar."* (Christifideles laici, n. 31).

Em segundo lugar, a importância de **fortalecer cada vocação**. Uma boa colaboração não deveria dar como resultado a confusão dos diferentes estados de vida como se fossem iguais e dar no mesmo ser uma coisa ou outra.

E em terceiro lugar, **cultivar a confiança recíproca**. Uma relação baseada na cooperação mútua tem que contar com algumas premissas básicas para funcionar. O mais importante delas é a confiança das duas partes entre si. Não é fácil de conseguir, mas é essencial cultivá-la para que o fruto seja o desejado. Um não pode delegar a outro sem o conhecimento prévio bastante profundo e sério. Um desejo excessivo de promover os leigos leva com frequência a tomar decisões em que a intenção não é totalmente reta e, em última instância, vai quebrando a confiança de uns e de outros. Este é um ponto extremamente delicado, mas muito importante. Apesar de tudo, a confiança deve ser conquistada a cada dia. Uma aplicação prática é o Conselho da Obra.

### 3.- E há um terceiro passo: a comunidade **acolhedora para os jovens**.

Há algo mais no tema das comunidades fraternas e acolhedoras. É quando solicitam hoje, tantos jovens que enchem nossas instituições. Que impressionante e desafiante é ver as salas de aula e os pátios de nossas obras repletas de jovens, mil, dois mil, e mais! E cada um, embora não manifeste, cultiva uma sede de ser ouvido, valorizado, com uma acolhida calorosa, incondicional.

Esta ideia lembra-nos, também, os referentes da pastoral juvenil que se reuniu recentemente em Sigüenza pela ocasião da JMJ. Tem nos deixado uma mensagem nesta linha quando nos dizem:

*"Vivemos a pastoral juvenil como Família de Murialdo,  
com um olhar de fé à realidade,  
como pacientes educadores do coração,  
para compartilhar a ação misericordiosa de Deus  
na vida e na alegria de Cristo, que ama os mais necessitados,  
semeando profusamente,  
com criatividade,  
sinais de esperança e solidariedade".*

E nas linhas operacionais (n. 2) nos dizem:

*"realizar sempre a pastoral juvenil como comunidade educativa, fortalecendo a comunhão e crescendo na corresponsabilidade, junto do projeto educativo-pastoral".*

À noite, em uma vila antiga no norte da Argentina, Rosario de la Frontera, onde celebra-se o *"Señor y Virgen del Milagro"*, participei na caminhada dos jovens. Entre orações, cânticos, palavras do Papa aos jovens, iam caminhando levando faixas que diziam: **"queremos que nos**

escutem” - "necessitamos ser compreendidos” - "necessitamos que confiem em nós” - "queremos uma família unida”.

**Quanta tarefa para nossas comunidades fraternas e acolhedoras!**

**Murialdo tinha entendido muito bem.**

**Para a reflexão comunitária:**

**1.** Que passos deveríamos dar e que atitudes deveriam mudar para crescer na comunhão fraterna de nossa comunidade?

**2.** Como conseguir que nossa comunidade seja verdadeiramente acolhedora e capaz de compartilhar o carisma construindo células vivas da FdM a nível local?

**3.** Experimentamos realmente que ser com os jovens e para os jovens pobres nos traços de Murialdo qualifica e modela nosso estilo de vida fraterna comunitária?